

## EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TERRITÓRIO QUILOMBOLA- CROATÁ- CEARÁ.

Rosilene Aires <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo discute os fundamentos e princípios da Educação Escolar Quilombola, tendo como referência as práticas pedagógicas observadas no Quilombo de Três Irmãos em Croatá- Ceará. Este território é um recorte espacial permeado de relações de poder, marcas simbólicas e formas de ocupação, que representa um grupo étnico-racial de ancestralidade negra, no qual residem cerca de 12 famílias. Objetiva-se reafirmar o direito à educação escolar diferenciada para a população quilombola, refletindo sobre as práticas pedagógicas que contribuem para a construção de identidades na Escola Quilombola Luzia Maria da Conceição. A discussão teórica baseou-se em Brasil (2007) e Brasil (2011), Malcher (2017), Santos e Bezerra (2016) e Pimenta (1996), abordando os fundamentos e princípios da educação quilombola, o cotidiano escolar quilombola e a construção da identidade relacionando-a aos grupos étnicos. Para tanto, entrevistou-se duas professoras da escola, e relaciona-se as suas práticas aos fundamentos e princípios educacionais quilombolas. Por fim, enfatizou-se, uma educação quilombola pautada na identidade cultural na/da escola com sujeitos abertos ao diálogo e a reflexão e com práticas pedagógicas valorativas da memória coletiva e dos acervos e repertórios orais do quilombo.

**Palavras-chave:** Identidade. Território Quilombola. Ensino Médio. Saber docente.

### INTRODUÇÃO

A educação escolar quilombola é uma política de ação afirmativa direcionada tanto a população que mora em território quilombola quanto aos estudantes não-quilombolas matriculados nas escolas quilombolas. A espacialização dessa política de educação escolar quilombola é fruto de luta do movimento negro, portanto, envolve questões de ordem política, pedagógica e financeira, que segundo Malcher (2017, p.110), “requerem uma atenção diferenciada para as condições de elaboração, planejamento e execução das ações cuja a finalidade é configurar um plano horizontal da dinâmica dos elementos da territorialidade quilombola específica de cada comunidade.” Na Secretaria de Educação do Ceará, esta política é executada pela Coordenadoria da Diversidade e da Inclusão Educacional – Codin, que contém uma equipe de técnicos, trabalhando com a Educação Escolar Quilombola e para as Relações Étnico-Raciais – EQRER, junto as 726 escolas estaduais. Este trabalho é fruto de minha atuação pela Equipe EQRER junto a escola quilombola estadual neste ano de 2019.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, vinculada a linha de pesquisa natureza, campo e cidade no semiárido. E-mail: rosileneaires80@email.com

Segundo o Censo escolar de 2018, a rede escolar quilombola no Ceará, é composta por 24 municípios com escolas em seus territórios, sendo 34 municipais que atende ao Ensino Fundamental e somente 01 estadual que atende ao Ensino Médio que é o foco deste trabalho. O total de alunos matriculados em 2018 nessas unidades escolares totalizaram 4.551 estudantes.

Em se tratando do município de Croatá no Oeste cearense, localiza-se a Escola Quilombola Luzia Maria da Conceição, pertencente ao conjunto de municípios de abrangência da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – Crede 5. Esta escola foi inaugurada em 2015, e no ano de 2018 o espaço escolar passou por uma reforma e sua estrutura atual apresenta-se com: 04 salas de aula, 01 sala de professores, 01 sala da coordenação, pátio, cozinha, 02 banheiros para estudantes e 01 sala do laboratório de informática que ainda não está pronto para funcionar.

A matrícula desta unidade de ensino, de acordo com o Censo escolar de 2018, é de 93 estudantes distribuídos nas quatro turmas do Ensino Médio. Para atendê-los, são nove professores sendo dois deles quilombolas, uma coordenadora, um diretor e seis funcionários moradores do quilombo. Vale ressaltar que, as professoras entrevistadas que divulgam suas práticas pedagógicas neste artigo, lecionam os componentes curriculares de História e Língua Portuguesa e residem em outros distritos do município de Croatá.

Percebe-se que “a luta contra o racismo, pelo reconhecimento do território, pela valorização da cultura e saberes, apresentam-se como desafios as comunidades quilombolas.” (MALCHER, 2017, p.111). Esse trabalho objetiva, portanto, reafirmar um desses desafios que é o direito à educação diferenciada para a população quilombola, refletindo sobre os fundamentos, princípios e objetivos educacionais e as práticas pedagógicas que reafirmam a identidade quilombola na/da escola.

A escola quilombola recebeu este nome em homenagem a escrava Luzia, ancestral místico dos três irmãos que constituíram o quilombo. Segundo a liderança da comunidade, o descendente direto mais próximo de Luzia é o seu bisneto que mora no quilombo, e tem hoje com 68 anos de idade. Garantir a esses descendentes o direito de, no seu território, estudar e aprender sobre sua ancestralidade, sua cultura e sua História a partir do espaço escolar e das práticas pedagógicas desenvolvidas, possibilita a construção de uma sociedade antirracista e que valoriza seus antepassados.

## METODOLOGIA

A metodologia do artigo percorreu três etapas: na primeira a discussão teórica baseou-se em Brasil (2007), Brasil (2011), Brasil (2012), Santos e Bezerra (2016) e Malcher (2017) sobre os fundamentos e princípios da Educação Escolar Quilombola e da identidade quilombola na/da escola.

A segunda etapa, descreve a visita ao quilombo Três Irmãos e os desdobramentos das rodas de conversa com gestores, lideranças, professores e estudantes sobre diversas temáticas, bem como das entrevistas realizadas junto as professoras da escolar.

Na última etapa, enfatizou-se, a construção de identidades individuais e coletivas na escolar discutindo os dados sobre origem étnico racial docente e discente e, com base nas entrevistas, evidenciou-se os fundamentos e princípios da Educação Escolar Quilombola materializadas nas práticas pedagógicas das professoras.

As entrevistadas foram denominadas de Macambira que leciona História e de Jurema que leciona Língua Portuguesa, tais denominações representam as espécies nativas do quilombo e asseguram o sigilo da pesquisa e terão seus depoimentos discutidos no trabalho.

A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, fundamenta-se e alimenta-se:

da memória coletiva; das línguas reminiscentes; dos marcos civilizatórios; das práticas culturais; das tecnologias e formas de produção do trabalho; dos acervos e repertórios orais; dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; da territorialidade. (BRASIL, 2012, p.08)

Defende-se que o espaço escolar quilombola e os seus principais documentos pedagógicos como o Projeto Político Pedagógico - PPP e demais documentos e ações encampadas pela equipe pedagógica ao longo do ano letivo, devem se pautar nas características desta política de ensino básico. Para tanto torna-se necessário construir camadas de diálogos entre Crede - Escola, Escola - Escola, Escola – Lideranças e Escola - Comunidade.

O Quilombo Três Irmãos é considerado um Território Tradicional na medida em que “os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas.” (BRASIL, 2007 p. 01)

O grupo étnico-racial quilombola possui, portanto, uma trajetória histórica própria e a escola é um dos espaços voltados a essa reprodução cultural para às gerações e aos demais

estudantes e professores não-quilombolas, que devem reconhecer e valorizar o modo de vida e a identidade do quilombo.

Entender a busca de ações e práticas pedagógicas que dialoguem com a tradição territorial, é permitir a construção da identidade cultural na/da Escola Quilombola Luzia Maria da Conceição, tanto pela equipe pedagógica quanto pelos estudantes.

Em relação a identidade do grupo étnico quilombola, destaca-se segundo Brasil (2011) que, “a consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da presente Convenção.” Desse modo, a convenção se estende aos povos tradicionais, especialmente, os quilombolas de Três Irmãos, entendendo-os enquanto grupo culturalmente diferenciado que se reconhecem como tal, e são detentores de conhecimentos e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Sobre este assunto, Santos e Bezerra (2016) apontam que os professores que trabalham a educação quilombola, em comunidades fragmentadas, que forjam uma pseudoidentidade latente nas relações simbólicas permeadas de ambivalência, necessitando de formações na perspectiva crítica e centrada na questão da identidade cultural.

Quanto à identidade estudantil em contexto quilombola, atenta-se para a sua construção individual e coletiva conforme, destaca Santos e Bezerra (2016) a seguir:

no mundo atual, os indivíduos precisam construir sua identidade pessoal, e ainda alcançar a aprovação social necessária para se autoafirmar como indivíduo socialmente aceito de uma lado, e no conjunto social, tendo que encontrar concordância com o mesmo para que possa alcançar aceitação social e autoafirmar-se. (SANTOS E BEZERRA, 2016, p.81/82)

Em relação as professoras Macambira de História e Jurema de Língua Portuguesa, ambas se identificam como não quilombolas, mas que reconhecem e valorizam cotidianamente em suas aulas o contexto territorial e cultural no qual se insere a Escola Quilombola. Sobre aos estudantes, as entrevistadas ressaltaram que, a maioria não se identificam como quilombolas, tampouco, se autodeclaram pretos o que permite abordar as questões de reconhecimento e origem étnico-racial, as quais serão aprofundadas no próximo tópico, com base nos dados sobre a origem étnico-racial dos alunos e professores da escola.

## EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM CROATÁ

O território quilombola Três Irmãos, localiza-se no município de Croatá com uma área de 2.983 hectares onde residem cerca de 30 famílias que pertencem a Associação Quilombola Três Irmãos fundada em 2017.

Segundo o mapeamento das comunidades quilombolas visualizado em Ceará (2019), existem cinco olhos d'água que originam duas cachoeiras abundantes no período chuvoso, além de 16 cisternas e 02 poços profundos. Ao visitar a residência de um dos professores no quilombo, visualizamos um olho d'água, que é considerado o lugar sagrado na comunidade, mas na ocasião encontrava-se com pouca água devido ao período de escassez de chuvas.

Quanto a flora e a fauna destacam-se, respectivamente: juazeiro, angico, jurema preta, coroa-de-frade, mandacaru, umburana, macambira, catingueira, ipê roxo, xique-xique, aroeira, sabiá, Carnaúba, umbu e malícia. E as seguintes espécies de animais silvestres: preá, gato-domato, jararaca, teju, peba, camaleão, cascavel e mocó.

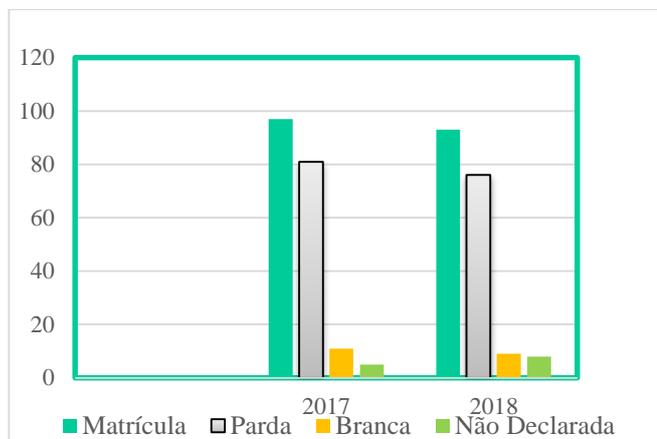
Diante dos recursos naturais hídricos, de flora e de fauna situa-se o território quilombola no semiárido que compõe os sertões cearense. A comunidade é rural e gera renda realizando atividades agropecuárias de pequena escala.

Contam os mais antigos da comunidade que os antepassados passavam fome e sede e a Macambira era utilizada para sanar estas necessidade do povo. Dada importância dessa planta que possibilitou a resistência e faz parte da História, optou por nomear com as espécies de plantas existentes no território as respectivas professoras entrevistadas.

A visita ao território quilombola e a escola foi realizada no período de 03 a 06 de Julho de 2019, na qual realizou-se rodas de conversa com gestores, professores, lideranças, funcionários e alguns estudantes sobre diversos assuntos, são eles: projetos desenvolvidos pela escola, organização/atualização do PPP, situação da inclusão aos alunos com necessidades especiais, dados sobre matrícula, rendimento e origem étnico-racial de estudantes e professores; ações que discutam a consciência negra; identificação das práticas pedagógicas dos professores de História, Língua Portuguesa, Geografia, entre outros.

Os dados apresentados a comunidade escolar versaram sobre a origem étnico-racial dos discentes no Gráfico 01 a seguir e docentes expressos no Gráfico 02 a seguir, referente aos anos de 2017 e 2018.

Gráfico 01: Perfil étnico-racial discente na EQ Luzia Maria da Conceição em 2017-2018.



Fonte: COADE/CEIPE/Censo Básico/INEP

Vale ressaltar que, as juventudes quilombola e não-quilombola, da zona rural de Croatá, matriculadas na Escola Quilombola residem tanto no território, quanto nas comunidades vizinhas. Estes estudantes se identificam como pardos, brancos ou não se autodeclararam nos anos de 2017 e 2018, conforme o Gráfico 01. Observou-se ainda que, nenhum estudante se autodeclarou preto ou preta nos anos evidenciados no Gráfico 01. Este fato evidenciou as seguintes questões feitas na roda de conversa junto a comunidade escolar: De que forma perguntam aos estudantes no ato da matrícula qual é a sua origem étnico-racial? Como se dá o processo de construção da identidade cultural quilombola na escola?

A tentativa de resposta destas questões partiu do secretário e do diretor da escola, que se justificaram informando que na matrícula e na re-matrícula são preenchidas somente fichas de admissão pelos estudantes e este cadastro perdura ao longo do tempo em que permanecer na escola.

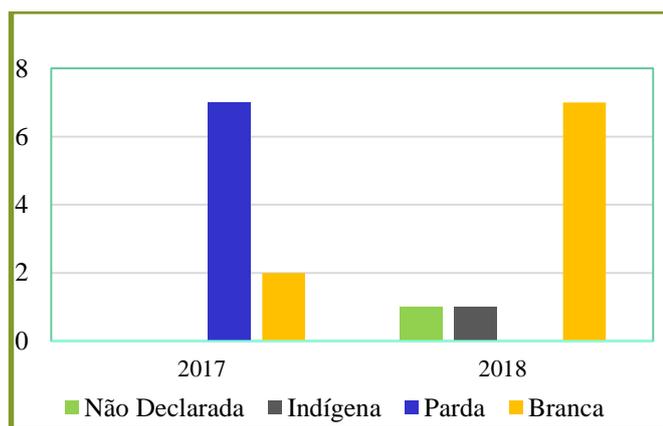
Sabendo-se que a discussão sobre a origem étnico racial perpassa pela construção da identidade individual e coletiva e que, segundo Pimenta (1996 p.75), “a identidade não é um dado imutável. É um processo de construção do sujeito historicamente situado.”

Faz-se necessário repensar que é ao longo dos anos escolares e da vida que a construção identitária ocorre. Desse modo, encaminhou-se junto com a comunidade escolar a necessidade da formação ao secretário e ao diretor sobre o procedimento da matrícula e da re-matrícula a cada ano letivo. Além disso, encaminhou-se junto aos professores e a coordenadora diálogos formativos sobre questões de identidade étnico-racial, e reuniões de planejamento que

permitam discutir e re-significar os sentidos percebidos a cerca da consciência negra que vem está sendo trabalhada a cada ano na escola.

Desse modo, acredita-se que os dados vindouros retrarão fidedignamente a realidade das juventudes matriculadas na escola, além de incentivar a construção da identidade cultural na/da escolar a cada ano letivo.

Gráfico 02: Perfil étnico-racial docente na EQ Luzia Maria da Conceição em 2017-2018.



Fonte: COADE/CEIPE/Censo Básico/INEP

Conforme Pimenta (1996), os saberes da docência estão relacionados a experiência, aos conteúdos científicos e pedagógicos adquiridos ao longo da formação inicial e continua bem como na prática pedagógica.

Ao evidenciar a origem étnico-racial docente exposta no Gráfico 02, identificou-se desconhecimento científico e pedagógico de questões relacionadas a construção identitária individual e coletiva destes sujeitos expostas em roda de conversa com a comunidade escolar.

Observou-se que, no ano de 2017 cerca de 07 professores de origem parda e dois brancos. Já em 2018, ocorreu um mudança com 07 de origem parda, seguido de 01 docente com origem indígena e outro que não se autodeclarou. No entanto, segundo os próprios docentes na roda de conversa, alguns docentes não possuem formação e entendimento sobre as questões de raça, etnia e construção identidade quilombola.

A exemplo dos professores que residem na comunidade, são quilombolas mas não se assumem como pretos, tampouco, verificam a importância em responder sobre sua origem étnico-racial no Sistema Integrado de Gestão Escolar - SIGE e até mesmo questionam a veracidade do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE que realizam pesquisas em suas residências. Urge, a necessidade de, conforme Pimenta (1996 p.84) entender que, a formação docente “é, na verdade, uma auto-formação, uma vez que os

professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares.”

No segundo momento da visita, conversamos, especificamente, com as professoras de Macambira de História e Jurema de Língua Portuguesa, sobre seu trabalho na escola.

A professora Macambira é Licenciada em História, é uma mulher negra pertencente a faixa etária de 30 a 40 anos de idade e leciona na escola desde a sua inauguração, residindo próximo no distrito de Santa Tereza. Quando perguntada sobre a sua prática pedagógica a professora relatou:

Nosso intuito é trabalhar a diversidade, a cultura e os registros da Comunidade com os registros orais dos mais velhos. A resistência em participar do projeto memória e identidade realizado em 2017 foi grande mas representei as mulheres e conseguimos produzir vídeos, entrevistas e fotografias com monitores da própria comunidade. (Macambira, origem étnico-racial negra, entrevista concedida em 04 de jul.2019)

Ao longo dos anos de 2017 e 2018, a professora Macambira atuou no projeto Memória e Identidade, no qual a escola produziu um acervo diverso sobre a sua História e as referências negras vivas da comunidade. Neste percurso, foram gravados vídeos com os mais velhos e as lideranças explicando a cerca das plantas, comidas e os locais simbólicos do território. Outros vídeos são entrevistas com raizeiras para identificar as ervas medicinais quilombola e a produção de chás e lambedores, o que originou em parceria com a professora de Biologia e Química e o professor de Geografia, o projeto de Plantas Medicinais Quilombola. O material áudio-visual foi produzido, editado e apresentado pelos monitores da própria comunidade com recursos que a escola recebeu da Secretaria de Educação. No entanto, somente a escola e a comunidade conhece o material e as demais escolas da Crede 5 não tiveram acesso pelas dificuldades que a professora relata em divulgar os resultados de suas práticas.

Além disso, publicou um livro em formato de cordel contando as História do quilombo, no qual os exemplares foram lançados na escola para a comunidade e entregues para alguns membros da Associação de Moradores. No entanto, a professora Macambira relata que foram poucos exemplares impressos, o que dificulta trabalhar o livro com suas turmas e divulgá-lo as demais escolas da rede estadual.

Quanto aos fundamentos da Educação Escolar Quilombola, destaca-se a valorização da memória coletiva por meio da construção dos acervos e repertórios orais na prática pedagógica destacada. E quanto aos princípios ressalta-se o cumprimento do III contido no Art 7<sup>o</sup> que orienta ações pedagógica que possibilitem o “respeito e reconhecimento da história e da cultura

afrobrasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional.” (BRASIL, 2012, p.14)

A professora Jurema é pós-graduanda em Língua Portuguesa, é uma mulher branca, mãe de uma criança negra, pertencente a faixa etária de 30 a 40 anos de idade e leciona na escola quilombola e na escola regular da sede municipal. É residente do distrito de Betania e quando perguntada sobre a sua prática pedagógica relatou:

Nossos estudantes devem reconhecer que podem ser desbravadores dos seus próprios desafios. Ando 94 km de distância para dar aula aqui porque tenho muito amor pela escolar e pelos alunos. Acredito que realizar aulas de campo em conjunto com o professor de Geografia pelo território quilombola acrescenta na aprendizagem e na escrita dos textos dos estudantes. Além disso, busco trabalhar autoras negras na literatura trazendo os livros da outra escolar porque aqui não temos biblioteca tampouco exemplares suficientes para toda a turma que leciono. (Jurema, origem étnico-racial branca, entrevista concedida em 04 de jul.2019)

A prática pedagógica da professora Jurema enxerga a importância da memória coletiva e da territorialidade quilombola, possibilitando em suas aulas que os estudantes interpretem o seu lugar, a sua origem das mais variadas formas literárias além de dialogar em rodas de conversa com os mais velhos do quilombo sobre as histórias vividas.

Estas práticas pedagógicas evidenciam outro princípio da Educação Escolar Quilombola que orienta a garantia do “direito ao etnodesenvolvimento entendido como modelo de desenvolvimento alternativo que considera a participação das comunidades quilombolas, suas tradições locais, o seu ponto de vista ecológico, a sustentabilidade e as suas formas de produção do trabalho e da vida.” (BRASIL, 2012, p.1).

Outro aspecto da prática da professora Jurema, é o amor pelos estudantes e a orientação que dá a cada um que lhe procura, o que torna a relação professora-estudantes mais próxima, permeada de empatia e afeto na mediação da aprendizagem.

Esta relação cotidiana evidenciou por meio de diálogos com os estudantes alguns entraves ao aprendizado relatados pelos mesmos a professora, os quais afetam, inclusive, a permanência estudantil na escola, tais como: a gravidez na adolescência, a homofobia, o machismo e o projeto de vida baseado na migração para São Paulo por estas juventudes, conforme relatou. Neste contexto, a professora corrobora para a “superação de toda e qualquer prática de sexismo, machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia.” (BRASIL, 2012, p.14)

É notório que as condições de trabalho da professora Jurema são precarizadas na medida em que o material didático e as distâncias percorridas, no transporte escolar do município, tomam suas energias e seu tempo de lazer, de planejamento, entre outras atividades. Mesmo

assim, destaca-se o esforço na construção de referências negras junto as turmas da escola, objetivando a formação de leitores e leitoras das obras da escritora negra carioca Conceição Evaristo. A professora relatou ainda que no ano de 2019 está realizando ações no projeto minha escola é da comunidade com ações pedagógicas que promovem rodas de conversa entre as lideranças, os mais velhos do território e os estudantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Está em território quilombola dialogando com a comunidade escolar, permite analisar e refletir sobre o cotidiano escolar quilombola. A apresentação dos dados referentes a autodeclaração a comunidade escolar se mostrou surpresa e aberta aos diálogos e aprofundamentos sobre a identidade quilombola destacando a importância de formações continuadas e de práticas pedagógicas que versem sobre estes aspectos.

Quando questionou-se sobre o significado de se apropriar dos resultados, a professora Jurema interpretou que seria visualizar a sua metodologia de trabalho, analisar seu trabalho, entre outros. Para outros professores significa se auto-avaliar, o que demonstra a necessidade de reuniões de planejamento da equipe escolar para analisar e refletir sobre os dados e as práticas escolares.

Percebeu-se a valorização dos saberes e dos modos de vida quilombola, os fundamentos e princípios da Educação Escolar Quilombola nas práticas das professoras Macambira e Jurema.

Por outro lado, entendeu-se que na construção da identidade quilombola na/da escola é necessário enfatizar a construção do ser negro na matrícula, na re-matrícula e nas práticas e ações pedagógicas, envolvendo o território quilombola para que se fortaleça esta identidade.

Abrem-se novas perspectivas de estudo, tanto sobre os dados de matrícula e de rendimento discente dos anos de 2018 em comparação ao ano de 2019, bem como relacionado as práticas pedagógicas realizadas pelos demais docentes da escola neste mesmo período.

## **AGRADECIMENTOS**

A liderança do Quilombo de Três Irmãos Antonizia Mateus dos Santos pela luta e resistência. As professoras Macambira e Mucunã por compartilharem conosco e com a comunidade escola os seus saberes.

A equipe EQRER da Codin, pela parceria na realização dessa visita a Escola Quilombola.

Ao Coordenador Gerson Mendes e a sua equipe composta por Roselene Martins e Claudiane Eleutério pelo apoio na visita.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Convenção nº 169/2004. Ressalta os Povos Indígenas e Tribais referente a Organização Internacional do Trabalho - OIT. Brasília: MEC, 2011.48p.

BRASIL. Resolução CNE/CEB n. 08 de 20 de Novembro de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília: MEC/SECADI, 2012.52p.

BRASIL. Resolução CNE/ CP nº 01 de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações –Étnico-Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/ SECADI, 2013.

BRASIL, DECRETO LEI 6.040 de 2007. Institui a Política de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: < [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) >. Acesso em 02 Mai. 2019.

CEARÁ, Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA). Mapeamento das comunidades quilombolas do Ceará. Fortaleza: SDA, 2019, p.371-378.

MALCHER, Maria Albenize Farias. O olhar geográfico: a formação e territorialização de comunidades quilombolas no municípios de São Miguel do Guamá, Pará. (Tese e Doutorado). Fortaleza: UFC, 2017, 191p.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores - saberes da docência e identidade docente. Revista da Faculdade de Educação, v.22, n.02. São Paulo: USP, 1996, p.72-89.

SANTOS, Mildon Carlos Calixto dos. BEZERRA, Ada Augusta Celestino. Cotidiano Escolar Quilombola. Fortaleza: Edições UFC, 2016. 289p.